

tê venda

por JOSÉ VAZ PEREIRA

I — REGRESSO

«ALL YOU NEED IS LOVE» (RTP-2) só nos deu, ontem à noite, o lado bom dos anos 60 quando um sector significativo da juventude americana julgou por momentos cortar as amarras da civilização urbana e voltar à natureza. Essa geração teve a sua música. E essa música foi principalmente o «rock and roll».

Criou-se mesmo um novo sentido de comunidade, uma nova fraternidade. Foi a época dos gigantescos «be-ins» e das primeiras vagas de protesto. O sonho acabou, por vezes, em droga, em charlatanismo, em falsos gurus e na célebre noite de violência em Chicago, durante a Convenção Democrática de 1968, quando a polícia bateu em tudo o que era jovem.

Foi Shakespeare (ontem também em evidência numa movimentada noite televisiva) que escreveu «If music is the food of love, play on». A geração de 60 fez precisamente isso, os sonhos perderam-se, as comunas dissolveram-se, as pessoas envelhecera (até o próprio Mike Jagger como o telefilme de Tony Palmer lembrou) mas a música ficou.

Com Tangerine Dream executando «Rubycon», este excelente programa despediu-se de nós. Mas, para lá de toda a magia da música «pop», deu a notícia desencantada de só 20 por cento ser inspiração. O resto é pura produção e os intérpretes acabam por ser instrumentos doces nas mãos das grandes editoras.

II — A IDEOLOGIA JÁ NÃO É O QUE ERA

MARIA DE LOURDES PINTASSILGO, embaixatriz de Portugal na Unesco e ministro dos Assuntos Sociais no I Governo Provisório foi entrevistada para o programa Em Questão. Maria Elisa fez-lhe algumas perguntas difíceis.

Maria de Lourdes Pintassilgo falou das esperanças levantadas pelo 25 de Abril no campo social. Nessa altura, disse, julgámos possível ainda transformar as coisas, mudar a face da sociedade. Porém, a realidade nem sempre se enquadra nas intenções.

Com eloquência e veemência, a entrevistada traçou a diferença entre os que queriam transformar a sociedade e os que queriam, desde logo, assegurar o seu lugar na sociedade futura.

A embaixatriz na Unesco, interrogada sobre as suas inclinações partidárias, afirmou que sempre conheceu gente de todos os sectores, mas que hoje, na linha do que pensavam certos sociólogos norte-americanos, achava que a ideologia era menos importante, o problema da esquerda e da direita não tinha o mesmo peso. Os movimentos sociais, sim, esses correspondem a algo de profundo na sua visão actual.

III — SHAKESPEARE E ISABEL II

«WILL SHAKESPEARE» mostrou ontem como a gente do Teatro Globo se deixou envolver numa conspiração política contra Isabel I. Esse o nobre que animava o sonho de deposição da rainha, perdeu a cabeça. Shakespeare não perdeu a pena. Foi-lhe, inclusive, ordenado que escrevesse uma comédia para a corte. Foi durante a sua representação («Sir John, Ouviste as Badaladas da Meia-Noite?») que o decreto real da execução de Essex, na versão do programa, foi assinado.

O sombrio episódio não deixará de ter introduzido ainda mais profundamente o tema da tirania na obra de Shakespeare. A sua entrevista com Isabel I é uma pequena amostra da maneira como o poder tolera os artistas e só gosta naquilo que eles escrevem ou compõem das palavras que não põem nada em causa. Shakespeare, porém, tinha o génio suficiente para falar de drama através da comédia.

O episódio de ontem revelou como os realizadores da TV inglesa sabem reconstituir um período histórico. A época isabelina, em que a hegemonia da Espanha começou a entrar em

Maria de Lourdes Pintassilgo pronunciou estas palavras perante os telespectadores de um País onde as questões ideológicas têm tendência a ser exageradas, e ocupem uma posição excessiva no nosso quadro político e na nossa vivência quotidiana.

Nessa maneira de encarar os problemas, «o inferno são sempre os outros». Um jornal de direita dirá que todas as dificuldades resultam das manobras e das acções dos «marxistas», um jornal de esquerda dirá que tudo é obra de «reacção». No meio deste diálogo de surdos, o País interroga-se e sofre, sem ver saídas para a profunda crise actual.

É importante, por isso, que uma personalidade como Maria de Lourdes venha defender que outros critérios, que não o absolutismo cego da ideologia, venham orientar a vida dos povos.

crise e a estrela da Inglaterra iniciou a sua extraordinária ascensão, chega a nós viva e real, cheia de força, de drama e de ambição. Os actores são impressionantes e mostram a importância de existir, na Grã-Bretonha, protegida e acarinhada uma profunda tradição teatral.

«O mundo é um palco» escreveu o poeta de Stratford-upon-Avon. Pois bem, o episódio de ontem mostrou que os que fazem «Will Shakespeare» tomaram as suas palavras à letra.

IV — «O VERDUGO»

EM RTP-2 passou, em «Cineclube», um dos melhores filmes espanhóis da época de Franco. Trata-se de «O Verdugo», de Juan Berlanga. Interpretado por Nino Manfredi, analisa a situação de um homem que tem de substituir o carrasco oficial de uma pequena localidade, que se está a reformar e vai arrumar o garrote. Mas a função tem que continuar a ser exercida. Líbela contra a pena de morte, o filme, de acordo com as correntes da força da cultura espanhola, utiliza, como melhor arma, a força corrosiva do sarcasmo.

